

PALESTRA DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

(Resumo dos principais trechos)

2594

Esta crise econômica é provocada, dramatizada e aprofundada por uma crise político-institucional sem precedentes no país e encontra uma crise moral das elites no poder também sem precedentes no país, a desesperança de uma população pobre informada pelos meios de comunicação de massas do estado de seus irmãos do norte ao sul do país, a raiva e a impotência de uma classe média, parte da qual acreditou no "milagre" do Dr. Delfim, e que hoje está sendo levada por uma descrença em si mesma, depois de ter acreditado no saber técnico, nas possibilidades do sucesso e do progresso.

Esta crise, ao contrário das precedentes, é uma crise da qual não escapam sequer os países metropolitanos, fazendo com que estejamos cercados de crise por todos os lados, estejamos imersos nela.

Devo dizer que, não fosse pela fé que tenho no povo brasileiro, na sua capacidade de sobrevivência e de resistência extraordinárias, não acreditaria no futuro do Brasil, pois não tenho elementos de cientificidade que me permitem fazê-lo.

Qualquer setor que se olhe está amarrado, esmagado, submetido a uma política econômica que não tem precedentes em matéria de irracionalidade, submissão, arrogância e despudor como a que está sendo executada.

A reação de algumas autoridades diante do episódio da demissão do Ministro Hélio Beltrão deu uma demonstração política para quem ainda acreditava nas elites no poder: o Presidente da República não lhe respondeu; o Ministro do Planejamento respondeu com um montão de mentiras e o Ministro da Indústria e Comércio teve o desplante de ir à televisão e declarar que a crise da Previdência Social era estrutural porque os aposentados brasileiros resistem a morrer e o povo trabalha pouco.

Todo o mundo sabe que os economistas de oposição vinham advertindo para a falácia do "milagre econômico". Quando o "milagre" terminou, em 1974, advertimos que havia uma crise internacional

que iria impedir o "milagre" fosse corrigido apenas com panacéias e programas sociais menores.

Seguiu-se ao "milagre" a megalomania da "grande potência". O que se fez em termos de alocação de recursos neste país foi uma barbaridade.

Há quem diga que o Brasil, pelo menos, se endividou para produzir coisas, enquanto a Argentina fez apenas especulação bancária e uma guerra. Por isso mesmo, por ter feito apenas aquilo, é possível ao Presidente eleito tomar uma estrutura econômica que não está basicamente destruída, reerguer moralmente seu povo e partir para a frente. Nós teremos que fazer coisas muito mais graves que a Argentina. Ninguém se iluda sobre o tempo que vai levar para este país se constituir como nação: vai levar muito tempo. O problema é se vamos conseguir manter um esforço por um, dois, três, quatro anos pela sobrevivência deste país, com a possibilidade aberta da destruição completa do sistema econômico, do sistema político, do sistema público de serviços das metrópoles brasileiras. Se eles continuarem com os "ajustes" que vêm recaindo sobre nós, não vão deixar pedra sobre pedra.

Será que o Sr. Delfim Netto é mau economista? Será que ele não sabe o que está fazendo? Ele sabe! Mas ele não quer deixar o poder! Ele faz qualquer coisa pelo poder! Deve ser sua vocação para a morte. O *thánatos* dele deve ser muito forte. Ele nos leva para a morte, de fome! Existem cinco milhões de desempregados abertos e 40% da população abaixo do salário mínimo.

O cinismo com que a maior parte das elites dirigentes do país se declara a salvo dos erros e empurra toda a responsabilidade para o Ministro Delfim também é uma coisa monstruosa. Ele é apenas o símbolo aparente de um dos regimes mais devastadoramente reacionários, autoritários, anti-pátria, anti-nacionais que este país já teve a desgraça de conhecer.

A agricultura brasileira está submetida a uma tripla tensão, da qual não vai sair tão cedo: pede-se que dê energia, alimentos e produtos de exportação. Nós não temos apenas a zona do Nordeste como uma chaga viva, mas também uma fronteira agrícola caótica, desordenada, predatória e ocupada por *gangsters*.

O "Sul maravilha", que tem uma agricultura capitalista produtiva, com uma boa empresa pequena ou média e um padrão de civili-

dade e eficiência, está obrigado a seguir as maluquices e flutuações que se fazem mês a mês com a política econômica nacional. O Sul está sendo liquidado pela inépcia dos governantes do país. E o Nordeste está sendo mantido como uma chaga viva.

Se perguntarem aos agricultores o que eles desejam, dirão que querem é ser deixados em paz: cada vez se anuncia uma política de créditos, preços, de estoques, o pessoal faz o contrário do que o Ministro indica.

Não adianta dizer que temos um enorme potencial produtivo: potencial produtivo só funciona quando está articulado.

O Sul tem uma agricultura tecnificada, mas tem uma estrutura de mercado e de preços obsoleta. Não adianta a base técnica da agricultura: ela ficará obsoleta, distorcida, incapaz de atender à demanda da população.

A indústria brasileira é uma indústria moderna, dobrou a sua capacidade instalada na última década. Em alguns casos, triplicou; em outros, quintuplicou — para nada! Ela não tem condições, com a estrutura energética, financeira e de transportes do país, de aguentar o tranco.

Dada a estrutura do comércio que está aí, é impossível ao Brasil ir além do esforço exportador que já realizou na atual década.

A hipótese de que possamos fazer uma transferência real de recursos a favor dos banqueiros neste resto de década — que é a hipótese deles — é inviável. Se em 1984 quiserem insistir em aumentar muito o superavit, apertar mais a política monetária, subir a taxa de juros, fazer outra maxi, etc., ele quebrarão a estrutura financeira e comercial das empresas que aqui estão, incluídas as multinacionais. Eles não podem levar o capital — estão amarrados aqui dentro, são nossos prisioneiros. Mas isto não os vai fazer desanimar, porque eles já ganharam e levaram o dobro, o triplo, o quádruplo do que aqui puseram. Na verdade, mesmo os investimentos diretos feitos pelas maiores de todas sempre foram ridiculamente baixos.

O Brasil é, em todo caso, o país que tem a maior capacidade de resistência estrutural. Era verdade, em 1980, que éramos um país viável. Mas agora, em 1984, já não tenho tanta certeza. Porque três, quatro, cinco anos de recessão contínua fazem com que os nexos estruturais comecem a estourar. O capital multinacional pode fazer tudo, levar tudo daqui, baratinho, tudo que já se construiu neste

país. A vigora esta alternativa, o país poderá atravessar uma década inteira de barbárie. O que eles não podem fazer é governar política e democraticamente o país em nome do povo.

Uma outra alternativa é a de uma solução autoritária-nacionalista-fascista: é pouco provável, mas é uma ameaça.

A terceira alternativa é a democrática. Tem-se que parar de aceitar as regras do FMI, porque elas são inviáveis. É necessário lutar por um mínimo de soberania e sobrevivência, pela defesa do que já construímos. É necessária uma consciência coletiva mínima para um *Programa de Emergência e Salvação Nacional* para impedir a morte de milhões de brasileiros

A República — esta que comemoramos a 15 de novembro — já era! Ou construímos uma nova República e enfrentamos esta crise com coragem, com dignidade, com entendimento superior e com um programa de salvação nacional, ou todos verão a república que haverá quando completar 100 anos esta que já fez 94!

Acredito na negociação ampla, no esclarecimento, na razão humana, até que me provem que todo o país está contaminado por esta coisa negra e demente que se aloja naqueles *bunkers* de Brasília. Até que me provem que meu país é uma Brasília ampliada, acredito que o Brasil tem destino.